

Rick Thalison de Lima Nogueira

Centro Universitário Católica de Quixadá,
UNICATÓLICA, Brasil

Contato: rickthalison15@outlook.pt

Nataly Souza de Oliveira

Centro Universitário Católica de Quixadá,
UNICATÓLICA, Brasil

Esp. Mercia Capistrano Oliveira

<http://lattes.cnpq.br/8025255692047634>

Centro Universitário Católica de Quixadá,
UNICATÓLICA, Brasil

Contato: mercia@unicatolicaquixada.edu.br

PASSOS ALÉM LAR: O PROCESSO DE INDEPENDÊNCIA DO SEIO FAMILIAR E SEUS DESAFIOS

INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata-se de uma explanação de um caso clínico, ocorrido no Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) do Centro Universitário Católica de Quixadá (UNICATÓLICA). E buscará, por seus meios, realizar uma análise fundamentada na Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) de Carl Rogers. Almejando uma maior compreensão a respeito dos impactos nocivos que o desamparo do seio familiar pode causar na construção da identidade e da alteridade do sujeito, principalmente, na fase da adolescência e início da adultez.

De acordo com Minuchin (1982), a família é de uma importância capital, dado que é o primeiro ambiente no qual se desenvolve a personalidade nascente de cada novo ser humano, é vista como espaço psicossocial incipiente. E a matriz da identidade pessoal e social, o pertencer é constituído pela participação do indivíduo em vários grupos familiares, ao acomodarem-se às regras e partilha da cultura particular da família que se mantém através do tempo, hábitos e outros.

Assim, a família é um grupo social ativo, montado por pais, filhos, avós, tios, primos e entre outros. Sendo que neste grupo cada elemento tem uma determinada função, quando uma família é bem estruturada, bem distinta. No entanto, existem situações na qual as funções podem ser substituídas, suprimidas ou acumuladas.

As relações familiares direcionam a estrutura psicossocial do indivíduo, em relação a si e aos outros, as suas esperanças, expectativas, objetivos, suas metas, suas satisfações e limitações, ao ponto que estes podem viver num mundo de realidades, de impotências ou de sonhos, satisfeitos ou frustrados.

Segundo AmatuZZi (2012), a Abordagem Centrada na Pessoa (ACP) foi desenvolvida por Carl Rogers, construída através do relacionamento terapêutico com clientes, ao considerar os aspectos conscientes do ser humano, ativo neste processo. A ACP vai muito além da clínica e pode ser utilizada nas relações humanas em geral, pois sua teoria se baseia na aceitação incondicional do outro, empatia e escuta sem julgamento. Essa abordagem requer que o psicoterapeuta tome uma postura empática e enxergue o mundo pelo ponto de vista do cliente, por ser necessário não fazer julgamentos e nem oferecer soluções, em vez disso, o paciente terá uma escuta ativa até que se sinta confortável para tomar decisões de forma independente.

Na terapia centrada na pessoa é o próprio cliente quem define os objetivos a serem trabalhados. Durante o processo terapêutico, o cliente toma consciência de si e consegue entender quais aspectos de sua vida precisam de mudança e quais as necessidades a serem supridas.

AmatuZZi (2012), ressalta a importância da empatia ou compreensão empática pode ser entendida como a capacidade de se imergir no mundo subjetivo do outro. É se aproximar o máximo possível da realidade do outro e tentar ver o mundo como ele o enxerga. Para a empatia funcionar, devemos afastar por um instante os nossos valores, opiniões e formas de ver o mundo e adentrar no universo daquele que aspiramos ajudar. É escutar atentamente sem críticas.

A congruência se refere a comunicação aberta entre terapeuta e cliente. O terapeuta deve se sentir confortável para compartilhar seus sentimentos e isso servirá de incentivo para o cliente falar mais livremente sobre suas queixas e expectativas. Ser congruente é ser verdadeiro e genuíno com o outro, também é estar aberto para ouvir e identificar os próprios sentimentos. Sendo congruente pode-se ser mais autêntico e

reconhecer com mais facilidade os problemas e necessidades e assim mais capazes para ouvir o outro com sensibilidade e compreensão.

O terapeuta centrado no cliente deve criar um clima de consideração positiva incondicional para que o cliente se sinta livre para expressar seus pensamentos e sentimentos sem medo de julgamento. É a aceitação do outro, independente do que ele seja em fala ou comportamento. Um respeito profundo pela vida, liberdade e individualidade da pessoa.

Portanto, Amatuzzi (2012) afirma que a Abordagem Centrada na Pessoa teve um papel revolucionário para a saúde mental. Mostrou o quanto uma relação empática pode ser benéfica para destravar uma tendência interna ao desenvolvimento interno, além de acreditar que todo o ser humano deve confiar nas suas experiências e convicções e dar ao outro a oportunidade para se conhecer e desenvolver o seu potencial ao máximo.

OBJETIVOS

O objetivo do trabalho é compreender os impactos do desamparo familiar quando não há afeto. Ressaltando a importância da ressignificação, gerando uma reflexão dos acontecimentos vivenciados.

METODOLOGIA

Trata-se de um relato de experiência que surge a partir de um atendimento clínico, supervisionado, decorrente do estágio profissionalizante II, obrigatório para a conclusão do curso de psicologia.

O Relato de experiência é um tipo de produção de conhecimento, cujo texto trata de uma vivência acadêmica, um dos pilares da formação universitária. A produção desse relato tem como finalidade contribuir para o progresso do conhecimento, uma

vez que o saber científico favorece a formação do sujeito e a sua programação está relacionada com a transformação social (Córdula, 2018).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A cliente, que para fins de seguridade de sua identidade chamar-se-á pelo nome fictício de Morella, é uma jovem adulta de 19 anos, que mora com os pais e o irmão. Chegou ao SPA com demanda referente a insegurança causada pelo medo do pós-ensino médio, o que compete concursos públicos, vestibulares, além do próprio Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Ela relatou desacreditar em sua capacidade de obter aprovação nos referidos processos estudantis, sentindo-se insuficiente e pontuou que isso se deu desde experiências estressoras no período escolar.

De acordo com Andrade e D'Souza Li (2020), estar envolvido em situações de bullying, especialmente como alvo, é um fator de risco para o desenvolvimento de estresse crônico, levando à liberação prolongada de hormônios do estresse, como os glicocorticóides. É apontada uma forte associação entre o envolvimento em bullying e riscos à saúde mental, incluindo depressão, autolesionamento e até mesmo risco de suicídio.

Trouxe, também, como temática terapêutica, o relacionamento com os pais. Neste caso, a família residiu em uma capital brasileira, o lar costumava ser bastante tumultuado devido o pai ser um homem agressivo que constantemente agredia física e verbalmente a família. E, ainda, cometeu uma quebra do laço conjugal, traindo a esposa. Esta, por sua vez, optou por mudar-se de cidade, junto aos filhos. Descontente, o pai foi atrás da família para reatar o vínculo matrimonial, tendo a mãe aceitado.

Com isso, os pais de Morella assumiram um novo trabalho que lhes exigia passar o dia fora de casa. Por seu irmão não ser familiarizado a atividades domésticas, todas as obrigações da residência recaíram sobre a referida, que ao dá-las início teve dificuldades ao executá-las com maestria, despertando a fúria de sua mãe que

esbravejava sobre Morella. Isso a fazia sentir-se subjugada e posta em uma condição de inferioridade no antro do seio familiar.

A violência familiar tem impactos significativos na saúde mental, principalmente em crianças e adolescentes. A violência doméstica pode afetar negativamente o desenvolvimento infantil, levando a problemas comportamentais observados em clínicas de saúde mental e escolas. Violência conjugal, especialmente quando a mulher é agredida pelo parceiro, prejudica as crianças, que são vítimas de abuso psicológico ao testemunhar tais episódios. Isso pode resultar em altos índices de depressão, agressividade, isolamento e baixa autoestima em crianças (Pesce, 2009).

É também parte da fala de Morella o sentimento de desvalor. Ela percebe-se como uma criança, por sua baixa estatura, suas vestimentas e acessórios e principalmente por não possuir comportamentos de adultos. Ao compreender-se de tal maneira, ela expressa dificuldades de comunicação com pessoas de fora da sua casa e pensamentos intrusivos relacionados ao exposto. Ressaltando que não conseguia sair só e realizar feitos cotidianos como comprar roupas, chamar mototaxistas e afins sem a companhia de outrem.

A contemplação do caso de Morella deu-se por meio da empatia, onde o cliente é aceito incondicionalmente, ou seja, sem o júri de seus atos, aparência, ou a repressão de seus desejos. Tudo isso visando o maior conforto e concretização do vínculo entre cliente e terapeuta. Para além, a cliente elucidou seu avanço, revelando que agora não mais sentir-se-ia inferior, pois o que os outros falam só tem valor se ela desejar. Também relatou perceber sua mãe com empatia, visto que entendeu que os comportamentos dela são decorrentes de traumas; quanto ao pai, decidiu que não tem interesse em estreitar laços. Sobre os vestibulares, optou por dar uma pausa e refluir quando sentir-se pronta para tal.

A resignificação, conforme a concepção de Rogers (1997), consiste na atribuição de um novo significado a uma situação que, por vezes, poderia ter sido dolorosa ou desconfortável. Essa prática confere à situação uma nova perspectiva, potencialmente orientada para aspectos positivos ou afins, capazes de impulsionar o

funcionamento ótimo do indivíduo em sua totalidade, tanto no que diz respeito à singularidade quanto à pluralidade. Neste referido processo, afirmou-se a tendência autoatualizante. Compreendida pela natureza inata do ser humano de ser bom e de atualizar-se constantemente consoante o que julga ser o melhor para si.

CONCLUSÕES

No decorrer do desenvolvimento da cliente, pudemos contemplar os impactos nocivos da dependência afetiva do sujeito, causando-lhe sentimentos desagradáveis como tristeza, desilusão, angústia, visão negativa do presente e do futuro, além de esgotamento psicológico, cansaço, dúvidas e tantos mais. Para além também pudemos contemplar o processo de autossuficiência, onde a cliente permitiu-se aceitar em suas dimensões corporais e psíquicas, dando novo sentido à sua completude e também a de outros que compõem sua esfera social.

Conclui-se que o processo terapêutico em Abordagem Centrada na Pessoa se alinha com uma perspectiva acolhedora do ser humano, facilitando processos como a inserção da pessoa no mundo, com capacidades autônomas de crescimento, autopercepção, transformação e redefinição do eu através da aceitação incondicional.

AGRADECIMENTOS

À professora e, também, supervisora Mércia Capistrano que nos instruiu na produção deste trabalho e todo o período de atuação do estágio profissionalizante em questão. Ao Serviço de Psicologia Aplicada, dirigido pela professora Andrea Vidal e a administração deste mesmo setor, capitaneado pela nossa querida Ruth de Souza Martins.

REFERÊNCIAS

- AMATUZZI, M. M. **Rogers: Ética humanista e psicoterapia**. Rogers: ética humanista e psicoterapia. 2. ed. Campinas: Alínea, 2012.
- ANDRADE, E. P.; D'SOUZA LI, L. As consequências do bullying: autoagressão e suicídio no cotidiano escolar. **Revista Educação**, v. 15, n. 1, p. 15-22, 2020.
- MINUCHIN, S. **Famílias: Funcionamento e Tratamento**. Trad. J. A. Cunha. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.
- MUSSI, R. F. F. *et al.* Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 61-77, 2021.
- PESCE, R. Violência familiar e comportamento agressivo e transgressor na infância: uma revisão da literatura. **Revista Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 507-518, 2009.
- ROGERS, C. R. **Tornar-se Pessoa**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.